

Tarifas não são o único trunfo de Trump

O domínio dos EUA sobre os serviços financeiros globais pode fornecer a Trump outra fonte de alavancagem

Por Gillian Tett

Valor, 13/01/2025

Mais uma semana, mais uma onda de ameaças selvagens do presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump. Na terça-feira, ele prometeu “tarifar a Dinamarca em um nível muito alto” se ela não concordar em vender a Groenlândia para os EUA.

Então, na quarta-feira, surgiram relatos de que ele estava considerando declarar uma emergência econômica nacional para impor sanções comerciais a vários países.

Sem dúvida, mais ameaças virão em breve. Bem-vindo a um mundo de mercantilismo raivosos, onde a política de poder reina suprema.

No entanto, há uma certa ironia aqui. Em seus discursos, Trump geralmente concentra a maior parte de suas ameaças em tarifas vinculadas a produtos comercializados. Mas essa não é necessariamente sua principal fonte de alavancagem.

Afinal, como observa um novo relatório do Global Capital Allocation Project (GCAP, um centro conjunto entre as universidades de Chicago, Stanford e Columbia), é a China que realmente detém o poder hegemônico sobre a manufatura global, por meio de sua dominância em muitas cadeias de suprimentos.

No entanto, onde os EUA têm poder hegemônico é nas finanças, por meio do sistema baseado no dólar. Ou, como diz o GCAP: “Uma vez que a coalizão liderada pelos EUA controla uma parcela dominante dos serviços financeiros globais, frequentemente excedendo 80% ou 90% em muitos países, esse controle quase total do sistema financeiro mundial permite à coalizão dos EUA frequentemente usar as finanças como ferramenta de coerção”.

Essa é a pergunta que os investidores globais deveriam estar fazendo agora. A equipe de Trump usará essas ferramentas “coercitivas” para punir rivais ou fechar acordos? Em outras palavras, as tarifas não são a única - ou mesmo a principal - ferramenta em jogo.

Obviamente, esta não é uma questão totalmente nova: o governo americano vem usando sua moeda como arma cada vez mais nos últimos anos, na tentativa de excluir do sistema financeiro baseado no dólar inimigos percebidos, como o Irã e a Rússia. Ele também impôs sanções a instituições financeiras que desafiaram

isso. Marco Rubio, indicado para secretário de Estado, pressionou a MSCI, provedora de índices baseada nos EUA, a excluir grupos chineses.

É quase certo que a equipe de Trump dobrará sua aposta nisso. Além disso, ele ameaçou retaliar países - como Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - que tentarem reduzir sua dependência do dólar lançando sua própria moeda conjunta.

Há outras ideias ainda mais impactantes circulando em Mar-a-Lago. Scott Bessent, indicado para secretário do Tesouro, sugeriu no ano passado que o mundo caminha para “realinhamentos de Bretton Woods”.

Isso significa que ele poderá querer reavaliar moedas, principalmente para enfraquecer o dólar para ajudar os exportadores americanos. Isso poderá incluir uma tentativa de replicar o Acordo Plaza, quando os EUA intimidaram outros países a fazer uma reavaliação - um paralelo que é impressionante, já que o dólar está próximo de seus níveis ponderados pelo comércio de 1985, após subir em relação ao iene e ao yuan.

Bessent também sugeriu que os países com proteção militar dos EUA deveriam ser forçados a comprar mais dívida em dólares, como uma espécie de compensação. “Existe alguma forma de diplomacia aonde você vai até esses países e diz que temos esses bônus militares de 40 ou 50 anos [para comprar]?”, disse ele, citando o Japão, membros da Otan e a Arábia Saudita.

Essas podem ser ameaças vazias. No primeiro mandato de Trump, seu latido muitas vezes era pior do que sua mordida. E se sua equipe usasse essas “ferramentas coercitivas”, elas poderiam sair pela culatra.

Não está claro, por exemplo, como Washington poderia concordar com um novo Acordo Plaza se a China estiver determinada a desencadear desvalorizações competitivas. E quanto mais Trump tenta usar o dólar como arma, mais isso pode levar os países a buscar alternativas.

De fato, como um blog do Fundo Monetário Internacional (FMI) observou recentemente, já há sinais de que muitos bancos centrais não americanos estão diversificando suas moedas, afastando-se do dólar - embora muito lentamente e modestamente -, a partir de uma base alta, e para moedas menores.

Mais intrigante ainda, o GCAP calcula que entre 2015 e 2022 a parcela das importações de serviços financeiros controlada pelos EUA e aliados caiu de 94% para 84% - o que significa que “o poder financeiro da coalizão americana sobre a Rússia foi reduzido aproximadamente à metade, contribuindo para o efeito amortecido das sanções financeiras impostas”.

Isso revela outro ponto importante: com o poder hegemônico, pequenos declínios podem ter efeitos desproporcionais. Ou como diz o GCAP: “Mudar a participação de 95% para 85% pode dissipar muito poder, às vezes tanto quanto mudar de 85% para 50%”.

Em tese, isso deveria deixar a equipe de Trump cautelosa com movimentos radicais, especialmente considerando que o “privilégio exorbitante” dos EUA - ou seja, o status do dólar de moeda de reserva - é o que permitiu ao país ter déficits tão grandes até agora. Na prática, porém, esse padrão poderá torná-los ainda mais agressivos para defender seu poder.

Seja como for, os investidores deveriam se preparar para (na melhor das hipóteses) a volatilidade cambial antes que acordos sejam feitos - e (na pior das hipóteses) um choque financeiro maior. Os riscos extremos nos mercados estão aumentando, e não só por causa das tarifas. **(Tradução de Mário Zamarian)**

Gillian Tett é colunista e membro do conselho editorial do Financial Times.